

O FEMININO ALÉM DO AMBIENTE DOMÉSTICO: A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NO PROCESSO DE ASCENSÃO DO CRISTIANISMO PRIMITIVO

THE FEMININE BEYOND THE DOMESTIC ENVIRONMENT: THE PARTICIPATION OF WOMEN IN THE PROCESS OF ASCENSION OF PRIMITIVE CHRISTIANITY

Wanessa Kewry dos Santos Nascimento¹⁵¹
Fabrício Nascimento de Moura¹⁵²

Artigo recebido em 26 de abril de 2022
Artigo aceito em 01 de julho de 2022

Resumo: Este trabalho aborda a participação feminina no processo de ascensão do Cristianismo Primitivo, resgatando a atuação de mulheres como lideranças religiosas e denunciando o silenciamento de gênero na História. Para isso, foi necessário compreender o contexto da Roma Imperial, cenário de desenvolvimento da religião cristã, e as características do Cristianismo, religião que permitiu a inserção feminina.

Palavra-chave: Mulheres, Cristianismo Primitivo, Roma Imperial.

Abstract: This work addresses the female participation in the process of ascension of Primitive Christianity, rescuing the role of women as religious leaders and denouncing the silencing of gender in History. For this, it was necessary to understand the context of Imperial Rome, scenario of development of the Christian religion, and the characteristics of Christianity, a religion that allowed the female insertion.

Keyword: Women, Primitive Christianity, Imperial Rome.

¹⁵¹ Graduanda em História pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), sob orientação do Prof. Me. Fabrício Nascimento de Moura. Integrante do Núcleo de Estudos Multidisciplinares de História Antiga e Medieval (NEMHAM). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3600-6028> E-mail: wanessakewry@gmail.com

¹⁵² Doutorando em História pelo PPGHIS/UFMA. Professor na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3129-2355>

Mas se certos Atos de Paulo, os quais são falsamente assim chamados, reivindicam o exemplo de Tecla para permitir que as mulheres ensinem e batizem, saibam os homens que, na Ásia, o presbítero que compilou esse documento, pensando por si mesmo em aumentar a reputação de Paulo, foi descoberto, e embora professasse tê-lo feito por amor a Paulo, foi deposto de sua posição. Como poderíamos acreditar que Paulo daria autoridade às mulheres para ensinar e batizar, quando ele não permitia até mesmo que elas se instruissem? 'Que fiquem em silêncio –ele disse –e que consultem a seus maridos em casa. (TERTULIANO. De Baptismo, 17.5).

O trecho acima, referente à obra *De Baptismo*, escrita por Tertuliano, datada entre o final do século II e início do século III d.e.c, apresenta uma crítica relacionada às mulheres que atuavam como lideranças no Cristianismo Primitivo, evidenciando a sujeição da mulher ao homem e nos permitindo identificar que a condição de inferioridade feminina perpassa diversas sociedades e temporalidades.

1- Naturalização e silenciamentos: mecanismos para manutenção da dominação masculina

Análises históricas e vivências no âmbito social indicam que uma divisão de espaços imposta pelas sociedades, comumente corrobora para a submissão feminina. As construções sociais e culturais determinam onde a mulher deve estar e onde ela *não deve estar*. Assim, frequentemente, condicionando a mulher ao setor privado, como o espaço doméstico, enquanto o homem ocupa os espaços públicos de maior visibilidade e validação. (COLLING, 2004, p. 31-32).

Com intuito de manter as relações de poder existentes entre homens e mulheres, ocorre o processo de naturalização da ideia de inferioridade feminina. Quando é dito que a reclusão feminina no espaço doméstico é natural, ocorre a naturalização de uma consequência da história. Um dos mecanismos utilizados para justificar essa naturalização é a afirmação e a generalização de que as mulheres

sempre se resguardaram no ambiente doméstico, desempenhando funções no lar e em áreas restritas, longe da ocupação de cargos que lhes garantissem poder. (SAFFIOTI, 1987, p. 10-11). No entanto, as Ciências Sociais nos mostram que, apesar dessa inferiorização inviabilizar a atuação feminina em espaços públicos, inúmeras mulheres atuaram na contramão das imposições e construções sociais. Além dessas, há também sociedades e culturas que garantem uma maior participação da mulher em espaços fora do privado, como em algumas comunidades indígenas em que mulheres atuam como Cacique, desempenhando funções consideradas importantes para a cultura local¹⁵³. (INVERNIZZI; LAROQUE; 2016, p. 8).

A socióloga Heleieth Saffioti, em seu livro *O poder do Macho*, traz à tona argumentos que regularmente são usados com intuito de legitimar a dominação masculina. A escritora desconstrói a ideia de que o homem possui mais força física que a mulher, pautando a relatividade da força nos corpos, e relatando que, do ponto de vista biológico, as mulheres possuem mais resistência física que os homens. A baixa participação de mulheres em guerras, quando comparada com homens, também é outro argumento usado para legitimar a inferioridade feminina. Porém, Saffioti nos provoca a seguinte reflexão: homens afirmavam que mulheres não eram capazes de ocupar as atividades fora de casa. Porém, em tempos conflituosos, as mulheres assumiram esses cargos, considerados masculinos, para que os homens pudessem ir à Guerra. Ou seja, elas desempenharam funções que eram negadas a elas, mas garantiram que a sociedade e seus departamentos continuassem funcionando devidamente. Além disso, é

¹⁵³ Estudos apoiados na abordagem da etnohistória identificaram o protagonismo das mulheres Kaingang na Terra Indígena *Pó Nãnh Mág*, em Farroupilhas/RS. Pesquisas desenvolvidas naquela etnia evidenciam a atuação de mulheres como Cacique e como educadoras. A Cacique Silvana, por exemplo, foi escolhida democraticamente pela sua comunidade para representar todos e exercer o mais alto cargo da comunidade. (INVERNIZZI; LAROQUE; 2016, p. 9).

válido lembrar que atualmente existem exércitos com alta participação feminina, inclusive estas ocupando cargos de alta patente nas atividades bélicas. (SAFFIOTI, 1987, p. 12-15).

Heleieth Saffioti comenta sobre a ideia de que as mulheres são menos inteligentes que os homens, apresentando uma conclusão científica que afirma que a inteligência é desenvolvida a partir dos estímulos recebidos. Quanto mais estímulo, maior a capacidade do ser humano desenvolver inteligência. Com isso, se o homem recebe mais estímulo ao ser inserido em diversos espaços desde a infância, diferente da mulher, possivelmente, ele obterá mais recursos para desenvolver sua inteligência. (SAFFIOTI, 1987, p. 12-15).

Diante disso, Pierre Bourdieu afirma que a “divisão socialmente construída entre os sexos, como naturais (...) adquire, assim, todo um reconhecimento de legitimação”. Dessa forma, percebemos o impacto das construções sociais no que tange às relações de gênero e como a naturalização da concepção de inferioridade feminina atinge as mulheres que vivem em sociedades patriarcais. (BOURDIEU, 2002, p. 12).

Além da naturalização da submissão feminina, o silenciamento da participação feminina na história ocorre invisibilizando as mulheres que também atuaram no âmbito público, aquelas que se opuseram às determinações sociais.

Rachel Soihet discorre sobre a exclusão, na História, de grupos marginalizados, como as mulheres, escravos, operários e outros. A autora afirma que a escrita sobre as mulheres, reconhecendo-as como sujeitos que também constroem a vida pública, tem se desenvolvido nas últimas décadas. O movimento dos Anais contribuiu para a História das Mulheres, ao integrá-las no processo da escrita histórica e ao apresentar novas temáticas e interesses para o âmbito histórico. (SOIHET, 1997, p. 399-400). Consoante a isso, Heleieth Saffioti afirma que a história oficial pouco ou nada aborda acerca da atuação de

mulheres. A pesquisadora pontua a relevância dos movimentos sociais que lutam em prol de um resgate histórico da participação feminina e seus protagonismos. (SAFFIOTI, 1987, p. 11).

Assim, percebendo que a dominação masculina é legitimada por discursos que naturalizam a inferioridade feminina e compreendendo a ocorrência do silenciamento de mulheres na História, neste trabalho resgataremos a participação e a contribuição feminina para a expansão do Cristianismo, rompendo com a ideia de incapacidade da mulher em papéis de liderança. Para isso, antes de abordarmos o nosso objeto, convém conhecer, brevemente, as características da sociedade romana antiga e o processo de desenvolvimento do Cristianismo.

2- Breve histórico da sociedade romana no início da Era Comum

Nessa seção objetivamos compreender, sinteticamente, a transição da República Romana para o modelo imperial, pontuando características políticas, sociais, culturais e econômicas, com ênfase nas questões religiosas do período, a fim de entender como aquele cenário favoreceu a ascensão do Cristianismo.

Durante o século I a.e.c., a República Romana já apresentava instabilidades, derivadas, principalmente, de uma Guerra Civil que eclodiu após o assassinato de Júlio César (em 44 a.e.c.). Diante desse contexto, o cenário romano estava marcado pela má administração política e econômica, uma vez que o Senado, órgão político que detinha mais poder no período republicano, não apresentava domínio sobre o território conquistado. (SILVA, 2010, p. 1). Considerando a necessidade de um novo modelo administrativo, a República transformou-se em Império. No período Imperial, o poder estava centrado na imagem do imperador, e as regiões conquistadas foram divididas em províncias. (CASTOLDI, 2014, p. 9).

Semíramis Corsi Silva afirma que Otávio, sobrinho de César, formou o Principado gradualmente e concentrou o poder político em si mesmo. Desse modo, o domínio das áreas conquistadas foi realizado com mais eficácia, tendo em conta que o forte exército do período garantiu a segurança e o controle popular. (SILVA, 2010, p. 2). O militarismo imperial também se mostrou importante porque colaborou para o expansionismo romano. (CASTOLDI, 2014, p. 9). As medidas de controle adotadas por Otávio, principalmente sua organização militar, provocaram estabilidades e paz na região, o que contribuiu para que a população não se rebelasse contra o seu poder e o apoiasse, diferindo do cenário conflituoso que o antecederam. (SILVA, 2010, p. 1-2).

Ticiano Saulo Scavazza Castoldi destacou que Augusto foi importante, não só pela sua atuação política, mas também por sua relação com a religião. Augusto usou a religião romana tradicional para legitimar seu poder, conquistando assim as classes médias e altas, nas quais a religião era mais frequente e aceita. Dessa forma, notamos que a religião estava ligada diretamente à política, uma vez que legitimava o poder do imperador. (CASTOLDI, 2014, p. 11-12). No período, se desenvolveu o ato de cultuar o governante, culto este que não era destinado somente ao imperador que estava no poder, mas também ao imperador morto. (CASTOLDI, 2014, p. 16).

Naquele contexto, uma parcela da população não se identificava com a religião tradicional defendida por Augusto, pois estavam interagindo com novas crenças e práticas orientais. (CASTOLDI, 2014, p. 12). Semíramis Corsi Silva pontua que Augusto, ao tentar reerguer a antiga religião, provocou a exclusão de cultos de origem egípcia e asiática. Contudo, contraditoriamente, Augusto aceitou a diversidade religiosa existente nas províncias e ergueu templos em devoção aos seus ídolos, como o templo destinado à Apolo. (SILVA,

2010, p. 9-10). Ticiano Saulo Scavazza Castoldi também ressalta que o imperador não se opunha à diversidade de práticas religiosas, a intervenção ocorria com frequência quando a prática provocava orgias e sacrifícios humanos. (CASTOLDI, 2014, p. 18).

Nesse contexto de múltiplas trocas culturais e religiosas, uma prática religiosa judaica “cristã” estava se desenvolvendo e se popularizando em grandes proporções. O confronto desta prática com o poder civil provocou a perseguição de membros do movimento. (CASTOLDI, 2014, p. 19). No entanto, ao mesmo tempo em que o cenário de crise política, econômica e social promovia a insatisfação popular, contribuía também para a adesão da comunidade às ideias cristãs, principalmente as pessoas marginalizadas na sociedade. Assim, essas pessoas encontravam refúgio e perspectiva de uma vida melhor nos princípios cristãos. (AQUINO; FRANCO; LOPES; 1985, p. 358).

Visto isso, convém compreendermos o “nascimento” da religião, sua composição, datação, processo de expansão e as perseguições sofridas por seus adeptos.

3- Cristianismo: características, expansionismo e perseguições

O Império Romano compôs o contexto político, social e econômico para o desenvolvimento do Cristianismo Primitivo, no século I e nas primeiras décadas do século II d.e.c, ou seja, mais ou menos entre 30 e 130 d.e.c. As interações culturais favoreceram o desenvolvimento do Cristianismo, e a pluralidade de concepções religiosas existentes no movimento cristão reflete a influência dessas religiosidades que permeavam as comunidades antigas. (PIZA, 2016, p. 28).

O Cristianismo originou-se em território palestino, área conquistada pelos romanos em 64 a.e.c. e anexada à Judéia em 40 a.e.c. Jesus nasceu em 4 a.e.c., no período do reinado de Augusto, e foi

crucificado no governo de Tibério (14-37 d.e.c.). Ticiano Saulo Scavazza Castoldi afirma que no final do século I, a religião, apesar de não ser a oficial, já estava disseminada no Mediterrâneo, na Ásia Menor e nas províncias romanas. (CASTOLDI, 2014, p. 22-23).

Paulo Augusto de Souza Nogueira destaca a pluralidade de pensamentos e estudos acerca do movimento cristão inicial, pontuando, por exemplo, as variações de nomenclatura desse movimento. O escritor explica que a religião pode ser intitulada como Cristianismo Primitivo, Cristianismo Originário, Proto-Cristianismo (*Urchristentum*), Cristianismo Antigo e até mesmo Novo Testamento¹⁵⁴. Há autores que usam o substantivo no plural, como "Cristianismos Primitivos", assim objetivando contemplar a diversidade do movimento e ressaltar a presença de várias religiosidades em sua composição. (NOGUEIRA, 2015, p. 35).

Os primeiros grupos cristãos que surgiram se deram por meio da presença de judeus no mundo heleno. O grupo de judeus que integrou o mundo helênico, conseqüentemente, foi adotando características daquela cultura, inclusive aderindo ao grego comum (*coine*), deixando o aramaico em segundo plano. (CASTOLDI, 2014, p. 24). Pedro Luís Piza defende a ideia de que as trocas culturais, promovidas também pelo mar Mediterrâneo, colaboraram significativamente para a expansão do Cristianismo. (PIZA, 2016, p. 33). Por conseqüência, em um cenário marcado por sincretismos culturais, o Cristianismo derivou de crenças já existentes. O estudioso Ticiano Saulo Scavazza Castoldi afirma que a ideia de morte e ressurreição de uma divindade partiu de crenças como a de Isis e Osíris, no Egito, de Dionísio, na Grécia, de Actis e

¹⁵⁴ O uso da nomenclatura Novo Testamento, quando se refere ao movimento cristão, é equivocada e anacrônica, uma vez que Novo Testamento foi o nome destinado à coleção de textos escolhidos pelos eclesiásticos do século IV. Os textos selecionados para o intitulado Novo Tratamento compuseram a base para a construção de um dogma cristão. (NOGUEIRA, 2015, p. 35).

Cibele, na Ásia Menor e na Síria e etc. Já a ideia de uma divindade salvadora pode ter sido influenciada pela cultuação de Mitra e pelo judaísmo. (CASTOLDI, 2014, p. 19). Portanto, visto o âmbito diverso culturalmente no qual o Cristianismo se desenvolveu, rompemos com a ideia de pureza e homogeneidade da religião. (CASTOLDI, 2014, p. 23).

Acerca da expansão do Cristianismo, Paulo Nogueira relata que as mensagens repassadas pelos seguidores de Jesus de Nazaré conseguiram chegar às comunidades de judeus em diáspora e em grandes centros urbanos, como Antioquia. Assim, notamos o impacto desses mensageiros para a propagação da religião. O autor acrescenta ainda que podemos supor que nos anos 40 já havia mais cristãos em Antioquia do que em Jerusalém. Assim, crenças difundidas pelos seguidores de Jesus se propagaram pelas regiões e conquistaram espaço no mundo mediterrâneo. (NOGUEIRA, 2015, p. 38-39).

Jesus de Nazaré e seus discípulos planejavam difundir suas crenças para a comunidade de Israel. Com isso, eles se destacaram ao acolher e se unirem a grupos de pessoas marginalizadas, dentre os quais estavam os estrangeiros, as mulheres, as prostitutas, os cobradores de impostos e etc. (NOGUEIRA, 2015, p. 38). O movimento cristão foi mais comum entre as classes mais baixas, inserindo principalmente os escravos, uma vez que a religião não diferenciava as classes sociais. A expansão e popularização do movimento foi integrando outros grupos à religião, mas houve grupos resistentes, como os gladiadores, cartomantes, soldados, astrólogos etc. Os soldados e gladiadores resistiram ao movimento por ele apresentar ideologias antimilitares. Esses princípios também foram motivos para as perseguições que ocorreram aos cristãos. (CASTOLDI, 2014, p. 26).

É comum a rejeição a um movimento cultural distinto que está se destacando no âmbito social e com o Cristianismo não foi diferente. A

oposição dos cristãos em relação às medidas adotadas pelo governo imperial provocou o aumento das perseguições. Exemplificando, podemos mencionar a rejeição do escravismo por parte dos cristãos, assim confrontando com o Império que dependia do escravismo para a manutenção do sistema em voga. (CASTOLDI, 2014, p. 29).

Acerca das perseguições sofridas pelos cristãos, há uma série de apontamentos que estimam a quantidade de cristãos que foram perseguidos. Ticiano Saulo Scavazza Castoldi destaca uma estimativa de duzentos mil vítimas cristãs, incluindo morte e outras formas de punições, como torturas, trabalho forçado, confisco de bens e etc. (CASTOLDI, 2014, p. 31). Uma série de fatores colaboraram para as perseguições, como a rejeição dos cristãos ao culto imperial e aos deuses romanos (CASTOLDI, 2014, p. 33), as reuniões secretas, que ocorriam ao amanhecer ou anoitecer, estas aconteciam no anonimato porque o governo rejeitava a crença (CASTOLDI, 2014, p. 37), e também a separação entre Cristianismo e Judaísmo, no contexto da queda de Jerusalém (em 70 d.e.c.), ocasionando a desproteção dos cristãos, pois não existiam regras que os protegessem das perseguições. (CASTOLDI, 2014, p. 34).

4 - Mulheres em Roma e no Cristianismo

Referente às questões de gênero, objetivo da abordagem deste trabalho, faz-se necessário conhecer, de forma breve, a condição da mulher romana e a participação feminina no desenvolvimento do Cristianismo, a fim de compreendermos o silenciamento histórico de mulheres que contribuíram para o movimento.

Durante o período imperial romano, as mulheres adquiriram alguns direitos, como a posse da herança e a liberdade para administrar seus bens. (SILVA, 2010, p. 8). Todavia, em oposição às conquistas femininas,

Augusto decretou leis que proibiam a participação de mulheres em eventos esportivos, concedeu aos pais de mulheres adúlteras o direito de matar as filhas e a permissão para pais e maridos levarem a mulher adúltera para ser julgada. Em 18 a.e.c., o casamento se tornou obrigatório para todos os cidadãos de Roma. Porém, o casamento era proibido entre senadores e escravas ou libertas e entre cidadãos e libertas, pois objetivavam manter a ordem e a “pureza” das linhagens. (SILVA, 2010, p. 9).

Roberta Alexandrina da Silva relata que as atividades femininas consistiram em transformar matérias-primas, fornecidas pelos animais e pela terra, em utensílios para usar no cotidiano. As mulheres também eram responsáveis pelo cuidado do lar, educação e alimentação dos filhos. Com isso, notamos que o espaço ocupado por mulheres ainda estava concentrado no âmbito privado. (SILVA, 2006, p. 37).

Naquele contexto, o Cristianismo criou condições que forneciam mais autonomia para as mulheres. (SILVA, 2008, p. 33). O movimento cristão interpretou o papel feminino no âmbito social sob uma nova perspectiva. (SOUSA, 2012, p. 62). Apesar disso, José Luiz Sauer Teixeira relata que a composição dos textos presentes no corpo neotestamentário ocorreu em um contexto da presença do patriarcado da igreja e de debates acerca da condição feminina. Dessa forma, isto ocasionou o silenciamento delas e/ou a colocação da mulher em posição inferior ao homem, assim, distorcendo a ideia acerca do feminino que o movimento de Jesus e o Cristianismo Originário objetivavam difundir. (TEIXEIRA, 2010, p. 58).

O ambiente no qual as mulheres viviam reclusas, ou seja, a casa, se transformou também em Igreja doméstica. Nas igrejas domésticas, havia o acolhimento de alguns grupos necessitados, como as viúvas. (SILVA, 2008, p. 33). A presença de cultos domésticos permitiu o acesso à religião, uma vez que a mulher, de forma geral, ainda estava

submetida a viver naquele espaço. Apesar dessa reclusão, as mulheres judias podiam celebrar algumas cerimônias religiosas e até mesmo dar nome aos filhos e filhas. (SILVA, 2006, p. 47).

Houve mulheres que atuaram na difusão da mensagem cristã. As seguidoras de Jesus, portanto, discípulas, uma vez que o ato de seguir Jesus, *akolouthein*, é característica dos discípulos. (SILVA, 2006, p. 53). Estudos arqueológicos realizados por Bernadette Brooten destacam a presença de mulheres nas atuações religiosas, recebendo cargos de sacerdotisas, anciãs, dirigentes etc. As ações femininas no âmbito religioso foram mais comuns em Elefantina e na Ásia Menor. (BROOTEN apud SILVA, 2006, p. 47). Na Palestina, Tabita em Jope foi colocada como discípula cristã (At 9, 36-43). Portanto, o exercício de liderança em cultos cristãos foi realizado também por mulheres, e as igrejas domésticas possibilitaram o acesso das mulheres a essas práticas religiosas. (SILVA, 2008, p. 29).

No livro de Atos (12,12), constatamos a existência dessas comunidades domésticas, pois o versículo relata que Pedro, após sair da prisão, chega à casa de Maria, mãe de João Marcos, e eles estavam reunidos realizando uma oração. (SILVA, 2008, p. 29). Referindo-se ao Novo Testamento, o livro de Marcos não aborda muitas questões relacionadas ao feminino, mas Mateus (9, 22; 15, 21-28) e, principalmente Lucas (7, 36-50; 8, 48; 21, 1-4) trazem a temática à tona. (SILVA, 2006, p. 49).

Por meio de análises, percebemos que ocorre um destaque da crença de mulheres cristãs em textos canônicos, principalmente a partir da morte de Jesus. (SILVA, 2008, p. 31). Algumas mulheres apareceram no momento da crucificação e morte de Jesus, dentre elas estavam a sua mãe, a irmã desta, Maria Madalena e Maria, esposa de Cléofas. (SOUSA, 2012, p. 64). Naquele contexto, os homens, discípulos de Jesus, desaparecem do cenário e as mulheres se destacam por estarem

presentes e testemunharem a sua ressurreição. (SILVA, 2008, p. 31). Os homens desaparecem da cena porque fugiram com medo de serem perseguidos pelos judeus. (SOUSA, 2012, p. 64).

Maria Madalena foi uma mulher que testemunhou a ressurreição de Jesus e se destacou com a sua influência no Cristianismo Primitivo. (SILVA, 2008, p. 31-32). Maria Madalena foi devota à crença cristã, realizou ações em prol da difusão do movimento e foi a primeira pessoa que viu Jesus após sua ressurreição, tornando-se responsável por anunciar a Boa Nova, conquistando assim espaço nas narrativas canônicas e apócrifas. (SILVA, 2006, p. 60-61).

Alguns textos que descrevem o exercício cristão de Maria Madalena são os Evangelhos de Tomé e Pistis Sophia. (SILVA, 2008, p. 31-32). Apesar de ter ocorrido o silenciamento da atuação feminina no Cristianismo Primitivo, tal ocultação se efetivou, principalmente, com a exclusão da mulher na literatura cristã. (SOUSA, 2012, p. 65). A literatura oficial privilegiou de forma significativa apenas as realizações masculinas. (SILVA, 2006, p. 60-61). O papel de Maria Madalena, por exemplo, foi ocultado no quarto evangelho. (SOUSA, 2012, p. 65).

De acordo com os Atos de Paulo, documentação apócrifa que contém as narrativas sobre Tecla, essa foi uma personalidade que também atuou como liderança religiosa, realizando batismos e missões. A documentação é datada por volta do século II d.e.c., tendo sido composta na região da atual Ásia Menor. (DEVAI, p. 18-19).

Consoante a documentação que relata a vida e a influência de Paulo de Tarso na sua conversão ao Cristianismo, Tecla foi uma mulher que renunciou ao casamento para dedicar sua vida à devoção à divindade cristã. No relato, a personagem sofre perseguições, violação do seu corpo, julgamentos e, possivelmente, tentativa de estupro, pois seu posicionamento de se manter casta naquela comunidade e temporalidade era considerado uma infração, uma ameaça social. No

entanto, apesar das condições adversas ao missionarismo feminino e a escolha da castidade, em uma sociedade que impunha o casamento e a procriação, Tecla conseguiu realizar missões pela Ásia Menor, superando as opressões sofridas. (ARAUJO, 2015, p. 20).

Além de Maria Madalena e Tecla de Icônio, inúmeras mulheres são mencionadas em escritos históricos, atuando como lideranças, discípulas e missionárias, nos permitindo assim identificar a contribuição feminina para a construção da religião cristã.

Considerando a seguinte passagem do texto bíblico: "Saudai Andrônico e Júnia, meus parentes e companheiros de prisão, apóstolos exímios que me precederam na fé em Cristo" (Rm 16, 7), verificamos a menção da Júnia atuando como discípula.

Além dessa, ainda no mesmo texto, há a referência à Febe, mulher que desempenhou funções do alto clero:

Recomendo-vos Febe, nossa irmã, diaconisa de Cencreia, para que a recebais no Senhor de modo digno, como convém a santos, e a assistais em tudo o que ela de vós precisar, porque ela ajudou a muitos, inclusive a mim. (Rm, 16, 7).

Adiante, no capítulo de Paulo aos Romanos, há a citação do nome de outras mulheres, como Trifena, Trifosa, Pérside e Júlia:

Saudai Trifena e Trifosa, mulheres que se dedicam arduamente ao trabalho no Senhor. Saudai a estimada Pérside, que igualmente empenhou-se com devoção à obra no Senhor. Saudai Rufo, eleito no Senhor, e sua mãe, que tem sido mãe para mim também. Saudai Asíncrito, Flegonte, Hermes, Pátrobas, Hermas e os irmãos que estão com eles. Saudai Filólogo, Júlia, Nereu e sua irmã, assim como Olimpas e todos os santos que com eles estão. (Rm, 16, 12-15).

Considerações finais

Diante da abordagem realizada neste artigo, percebemos que o contexto social do Império Romano favoreceu ao desenvolvimento do

Cristianismo, pois além de apresentar relações culturais, também fornecia a ideia de uma vida melhor para aqueles que estavam insatisfeitos com as crises e conflitos do Império. Assim, notamos também que a base das ideias do movimento cristão partiu de crenças helenísticas e judias, promovendo a ruptura do imaginário social de pureza e ineditismo do Cristianismo.

O Cristianismo Primitivo permitiu a participação feminina no movimento, em virtude da integração de grupos marginalizados pelas ideologias sociais do contexto. Dessa forma, percebemos que as igrejas domésticas foram fundamentais para o acesso das mulheres à religião, uma vez que elas já viviam reclusas naquele ambiente. Entretanto, apesar disso, as mulheres que se inseriram ao movimento cristão também foram além dos limites do ambiente doméstico, realizando missões, batismos e discipulados.

Portanto, diante dessa breve exposição, percebemos que as mulheres colaboraram significativamente para a estruturação e popularização do Cristianismo Primitivo. Porém, o patriarcado, a monopolização da História escrita por homens e, principalmente a naturalização da ideia de inferioridade feminina contribuíram para que essas mulheres não tivessem as mesmas oportunidades que os homens, estes que já estavam inseridos no âmbito público.

REFERÊNCIAS:

A) Documentação textual:

AUTOR DESCONHECIDO. **Atos de Paulo e Tecla**. Trad. Sara Gonçalves Devai. São Paulo: USP, 2019.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Editora Paulus, 1985.

EVANGELHOS Apócrifos. Luigi Moraldi; Benôni Lemos e Patrizia Collina Batianetto. São Paulo: Paulus, 1999.

TERTULIANO. De baptismo. XVII. In: THELWALL, S. (trad.). **Ante-Nicene Christian Library**. Edinburg: T. & T. Clark, 1869. (Disponível em: http://www.tertullian.org/anf/anf03/anf03-49.htm#P11466_3245563 - acesso em 26/04/2022.

B) Obras de orientação historiográfica:

ALMEIDA, Lídia Cristina dos Santos; CONCEIÇÃO, Verônica Alves dos Santos; LEAL, Débora Araújo; TEIXEIRA, Janete Moura. **A atual liderança feminina nas Igrejas Evangélicas: uma questão de gênero**. Disponível em:

https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2018/TRABALHO_EV110_MD2_SA27_ID212_01042018141827.pdf -

AQUINO, Rubim Santos Leão de; FRANCO, Denize de Azevedo; LOPES, Oscar Guilherme Pahl Campos. **História das sociedades: das comunidades primitivas às sociedades medievais**. 18.ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

ARAUJO, Kellen Christiane Rodrigues de. **A renúncia sexual pelo reino: a importância da renúncia sexual para a liderança da mulher em atos de Paulo e Tecla**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Humanidades e Direito, Programa de Pós Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2003.

CASTOLDI, Ticiano Saulo Scavazza. **A Igreja que Conquistou um Império: história da ascensão do Cristianismo no Império Romano**. Monografia (Graduação em História), Lajeado, 2014.

COLLING, Ana Maria. Gênero e História: um diálogo possível? **Contexto e Educação**, Rio Grande do Sul, n. 71/72, p. 29-43, 2004.

DEVAI, Sara Gonçalves. **Atos de Paulo e Tecla: estudo e tradução**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, São Paulo, 2019.

INVERNIZZI, Marina; LAROQUE, Líis Fernando da Silva. Protagonismo feminino na Terra Indígena Pó Nãnh Mág em Farroupilha/RS. **XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS: Ensinos, Direitos e Democracia**, Santa Cruz do Sul, 2016.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. O cristianismo primitivo como objeto da história cultural: delimitações, conceitos de análise e roteiros de pesquisa. **Antífese**, v. 8, n. 16, p. 31-49, 2015.

PIZA, Pedro Luís. **Pela unidade da Igreja**: Inácio de Antioquia e o monepiscopado na província romana da Ásia. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Faculdade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SILVA, Francisca Rosa da. **Maria Madalena e as Mulheres no Cristianismo Primitivo**. Dissertação (Mestre) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.

SILVA, Roberta Alexandrina da. **O Reino para Elas**: Mulher e Comunidades Cristãs no Primeiro Século da Era Cristã. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2006.

SILVA, Semíramis Corsi. O Principado Romano sob o Governo de Otávio Augusto e a Política de Conservação dos Costumes. **Crítica & Debates**, v. 1, n. 1, p. 1-17, 2010.

SOIHET, RACHEL. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.) **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 399-429.

SOUSA, Maria da Conceição Fernandes Evangelista de. **O papel da mulher no Cristianismo Primitivo**: uma leitura do quarto evangelho. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2012.

TEIXEIRA, José Luíz Sauer. A atuação das mulheres nas primeiras comunidades cristãs. **Revista de Cultura Teológica**, v. 18, n. 72, p. 55-66, 2010.